

**IX CONGRESSO NACIONAL  
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL  
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
**6 a 8 de julho de 2009**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

**MAGISTÉRIO E CONSTITUIÇÃO DOCENTE: HISTÓRIAS VIVIDAS E  
CONTADAS POR PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Júlio Ribeiro Soares

UERN

Financiador: CNPq

[julioribeirosoares@yahoo.com.br](mailto:julioribeirosoares@yahoo.com.br)

O nosso interesse pela problemática que ora apresentamos neste trabalho teve início a partir da convivência com professores dos mais diversos “níveis” de ensino e tipos de escola. São histórias, muitas histórias, que precisam ser resgatadas, estudadas, analisadas, compreendidas, para que, assim, possamos nos apropriar da real complexidade que constitui cada sujeito, cada história vivida e contada.

O processo de escolha de uma profissão pode começar a fazer parte do mundo de muitos jovens desde muito cedo. Há pessoas, contudo, que não vivenciam essa possibilidade de opção, e de muitas outras coisas na vida. No caso de professores, a história de muitos respalda estas duas teses. Há professores que dizem ter manifestado interesse pela profissão desde muito cedo na vida. Há também professores que dizem ter ingressado no magistério por conta de mera oportunidade do momento. Tendo o professor como objeto nuclear deste trabalho, aqui o nosso objetivo principal é analisar o processo de constituição docente de um grupo de professoras do Ensino Fundamental de um município do interior do estado do Rio Grande do Norte, onde realizamos nossa pesquisa empírica para o doutorado em Psicologia da Educação.

Talvez, antes de prosseguir, seja necessário responder a uma possível pergunta de um leitor/estudioso atento a esse nosso interesse, que pode ser: por que o interesse por essa questão? No fundo, o nosso interesse se pauta na questão de que o homem não é um ser *a priori*stico, mas histórica e socialmente determinado pelo conjunto de suas relações sociais. Conforme diz Marx na sexta tese sobre Feuerbach, “a essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo singular. Em sua realidade, é o conjunto das relações sociais” (Marx, 1999, p. 125).

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

A idéia de que a essência humana está articulada ao conjunto das relações sociais do sujeito não é uma questão simples. No entanto, faz-se necessário estudá-la para que possamos aprofundar a nossa compreensão acerca do homem, do seu processo de constituição como pessoa. E, nessa perspectiva, uma das questões metodológicas pela qual passa a possibilidade de fazermos isso é a análise da história vivida.

Assim sendo, para que possamos compreender as relações sociais constitutivas da essência humana, faz-se necessário levarmos em conta a mediação histórica desse processo. A essência humana é, pois, uma produção histórica gestada a partir dessas relações, inclusive no campo de trabalho e de formação escolar.

Antes, porém, de começarmos analisar o processo de constituição docente do grupo de professoras com o qual trabalhamos, vamos fazer algumas considerações acerca do contexto da pesquisa, destacando, neste caso, os procedimentos da pesquisa, o lugar onde a mesma foi realizada e as escolas nas quais cada professora-sujeito desta pesquisa leciona.

## 1 PROCEDIMENTOS

Este trabalho, que tem a Psicologia Sócio-Histórica como referência teórico-metodológica, é parte de uma pesquisa de doutorado (em andamento), realizada com um grupo de professoras do Ensino Fundamental de duas escolas públicas do município de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte.

A escolha desse município para a realização da presente pesquisa teve como base alguns pressupostos, dentre os quais, talvez o mais importante, o fato de nele trabalharmos como professor há mais de dez anos, e isso ter nos impulsionado a querer conhecer mais profundamente a realidade na qual atuamos.

Com relação às escolas, este trabalho foi realizado em duas escolas públicas, cuja escolha ocorreu de forma intencional, levando em conta o fato de estarem localizadas na zona urbana, serem de pequeno porte, ou seja, que atendessem até 300

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

alunos em seus dois turnos, e, sobretudo, seu corpo administrativo, pedagógico e docente demonstrasse interesse em participar da pesquisa.

Por uma questão de privacidade, utilizaremos nomes fictícios para nos referir a essas escolas. Em ambas, a nossa primeira tarefa consistiu em apresentar a nossa proposta de pesquisa para os diretores e supervisores, que foram muito receptivos e demonstraram bastante interesse em dela participar.

A escolha dos sujeitos ocorreu de forma diferenciada nas duas escolas, porém levando em conta a articulação com o projeto de pesquisa apresentado ao corpo administrativo, pedagógico e docente dessas escolas.

Na *Escola A*, o sujeito foi escolhido pela direção e supervisão, que compreenderam, com base na nossa proposta de trabalho, que havia uma professora na instituição que muito se adequava ao nosso estudo, pois trabalhava com vários alunos que apresentavam problema de indisciplina em sala de aula. Ao apresentar a nossa proposta de trabalho para a referida professora, esta aceitou de imediato participar da pesquisa com o intuito de poder fazer uma avaliação da sua forma de se relacionar com os alunos em sala de aula.

Na *Escola B*, a direção também nos foi muito receptiva e solicitou uma exposição da nossa proposta aos professores. Apesar de vários deles terem demonstrado interesse em participar, fizemos escolha daquele sujeito que disse trabalhar com alguns alunos que apresentam uma baixa participação nas atividades da escola, o que requer muito empenho de sua parte.

No processo da coleta de dados, utilizamos as técnicas de leitura de memorial, questionários e entrevistas. Tudo isso com vistas a atender o nosso objetivo principal, que é analisar o processo de constituição docente de um grupo de professoras do Ensino Fundamental. Vale destacar que, apesar da importância de todas as técnicas acima apresentadas, a entrevista foi a técnica que mais nos possibilitou uma aproximação com a realidade a qual estávamos querendo apreender em toda sua complexidade de relações.

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

## 2 O LUGAR

O nosso objetivo neste item é apresentar e discutir, específica e sucintamente, algumas questões estruturais do lugar de realização deste trabalho, que é o município de Mossoró, situado no interior do estado do Rio Grande do Norte.

Localizado na microrregião de Mossoró e mesorregião do Oeste Potiguar, Mossoró, que fica a 270 km da capital do estado (Natal), é um município do Sertão nordestino, mas muito próximo do litoral. Apenas 42 km o separam da praia de Tibau.

Além de se destacar por meio de muitos dos seus aspectos históricos peculiares, e até pitorescos, Mossoró também se destaca em vários setores do comércio e da prestação de serviços, de modo que é um pólo economicamente importante não apenas para os municípios do seu entorno, da sua região, mas também para todo estado e até para o país.

No setor da indústria e da agricultura, o município destaca-se como o maior produtor de petróleo (em terra) e sal do país, e um dos maiores produtores de frutas tropicais do mundo, especialmente o melão. Dessa fruta, ele é responsável por 90% da produção nacional, o equivalente a 194 mil toneladas, sendo 164 mil exportadas e apenas 30 mil destinadas ao consumo interno, ou seja, ao consumo no país.

Apesar de tudo isso, quando nos deparamos com a questão social, infelizmente o município não se diferencia de muitas outras realidades de diferentes lugares deste nosso país. Dados do Censo 2000 apontam, conforme publicação no *Site* da própria prefeitura municipal, que os 20% mais ricos detêm 62,8% da riqueza. Os 20% mais pobres detêm apenas 2,3%. Mas o problema daquilo o que chamamos de questão social não se situa apenas na concentração de renda.

Ainda de acordo com o *Site* da própria prefeitura municipal, em 2006 o município registrou 36,6 mortes violentas por grupo de 100 mil habitantes. A média nacional naquele ano foi de 25,6. Aqueles dados ficam muito próximos dos registrados, no mesmo período, na cidade do Rio de Janeiro.

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

No campo da educação, os dados são os seguintes, ainda de acordo com o *Site* da prefeitura, que utiliza o Censo 2000 do IBGE e o IDH como fontes de informações: apesar de ter havido uma melhoria significativa na oferta de vagas e na qualidade da educação escolar, o número de pessoas analfabetas com mais de 15 anos de idade corresponde a 19,18% da população nessa faixa etária.

Ainda com relação à educação, o IBGE aponta dados de 2007 que são os seguintes: além de contar com 207 escolas de ensino fundamental, sendo 142 públicas e 65 privadas, e 38 de ensino médio, sendo 21 públicas e 17 privadas, o município dispõe ainda de cinco instituições de educação superior (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Universidade Potiguar (UnP), Faculdade de Ciências e Tecnologia Mater Christi e Faculdade de Enfermagem Nova Esperança), o que o faz ser um pólo regional voltado não apenas para a questão econômica. Ele concentra, também, a maior parte dos cursos superiores ofertados na região.

### 3 AS ESCOLAS

Este trabalho foi realizado em duas escolas municipais, cuja escolha ocorreu de forma intencional, levando em conta o fato de estarem localizadas na zona urbana, serem de pequeno porte, ou seja, que atendessem até 300 alunos em seus dois turnos, e, sobretudo, demonstrassem interesse em participar da pesquisa. Por uma questão de privacidade, utilizaremos nomes fictícios para nos referir a essas escolas.

Em ambas, a nossa primeira tarefa consistiu em apresentar a nossa proposta de pesquisa para os diretores e supervisores, que foram muito receptivos e demonstraram bastante interesse em dela participar. Neste item, o nosso objetivo é, portanto, apresentar e discutir algumas características gerais dessas duas escolas, que as denominamos de *Escola A* e *Escola B*.

*Escola A*. Apesar de tratar-se de uma escola em pleno funcionamento nos dois turnos, o prédio é alugado e apresenta uma estrutura física insalubre, pequena e



muito precária. O prédio não apresenta condições adequadas para funcionamento de uma escola, sobretudo para atender crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. As salas de aula não têm janelas. Há apenas uma porta de entrada e saída, o que impossibilita a circulação de ar e torna-as muito quentes. Além disso, são escuras e a iluminação elétrica é muito precária. O piso das salas de aula é revestido em mosaico e já apresenta muito desgaste ocasionado pelo uso ao longo do tempo. O piso do corredor é de cimento, e já apresenta acentuado desgaste.

Além disso, a escola não dispõe de cantina, refeitório, quadra de esporte nem de espaço para recreação. Os alunos se servem das refeições na própria sala de aula e a recreação é feita à exposição dos alunos ao sol, que, diga-se de passagem, é muito quente nessa região.

*Escola B.* Nessa escola, cujo prédio também não pertence ao patrimônio público, o espaço também não é dos mais adequados, pois as salas de aula são pequenas, além de não dispor de cantina nem refeitório para os alunos. No entanto, sua estrutura física é muito limpa e bem conservada, e as salas de aula, apesar de pequenas, são naturalmente bem ventiladas e iluminadas.

Embora ambas as escolas estejam localizadas em bairros assistidos por serviços de abastecimento de água potável, energia elétrica, telefone, ruas calçadas e asfaltadas, escolas públicas e comércio, os alunos, em sua maioria, são filhos de pais trabalhadores, dos tipos domésticos, mecânicos, vigias, garis, vendedores ambulantes, auxiliares de serviços gerais, funcionários públicos.

#### **4 SOBRE OS SUJEITOS E SEU INGRESSO NO MAGISTÉRIO**

O nosso objetivo neste item é analisar algumas situações vividas e relatadas pelos dois sujeitos da pesquisa. Situações essas que as consideramos fundamentais à compreensão do processo de constituição docente dessas professoras. Para isso, vamos começar pelo relato de como ambos foram escolhidos para esta pesquisa.

**IX CONGRESSO NACIONAL  
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL  
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
**6 a 8 de julho de 2009**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Conforme já explicitamos anteriormente, a escolha de ambos os sujeitos não obedeceu a critérios únicos, no entanto, semelhantes. Na *Escola A*, o sujeito foi escolhido pela direção e supervisão, que compreenderam, com base na nossa proposta de trabalho, que havia uma professora na instituição que muito se adequava ao nosso estudo. Na *Escola B*, a direção também nos foi muito receptiva e solicitou uma exposição da nossa proposta aos professores. Apesar de vários deles terem demonstrado interesse em participar, fizemos escolha daquele sujeito que disse trabalhar com alguns alunos que apresentam uma baixa participação nas atividades da escola, o que requer muito empenho de sua parte.

A professora da *Escola A*, que aqui lhe daremos o cognome de Ana, é graduada em Pedagogia, especialista na área de Educação e tem mais de vinte anos de experiência no magistério. Atualmente leciona numa turma do 3º ano do Ensino Fundamental.

Sua entrada na carreira do magistério ocorreu por opção determinada claramente pelo desejo da família e pela certeza de que logo arrumaria um emprego. Assim relata a Professora A: “Eu escolhi o magistério porque, na época, filho de pais pobres, o que a gente visava era o magistério, porque era bem mais fácil conseguir trabalho. Então, eu fui pra esse lado a pedido de minha mãe”.

Com relação a professora da *Escola B*, ela também é graduada em Pedagogia com especialização na área de educação e leciona numa turma do 1º ano do Ensino Fundamental. A essa professora lhe atribuiremos o cognome de Bibi.

O processo que mais determinou a “escolha” dessa professora pelo magistério é uma prova de que a história não é linear, nem predeterminada, mas dialética, ou seja, é atravessada por contradições e mudanças bastantes complexas.

Na infância, apesar de brincar muito com suas bonecas, o que mais a atraía era brincar de professora, dando aula para os coleguinhas. Ela diz: “o que eu queria mesmo era ensinar os coleguinhas. Eu começava a brincar de mãe e pai com as bonecas.

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Eu era a mãe, o outro era o papai, os filhinhos e terminava fazendo uma salinha de escolinha”.

Acerca das questões que atravessam essas professoras, podemos nos valer de Marx para explicar que o homem não é outra coisa senão uma criação do próprio homem. Por isso, afirma que “*toda a assim chamada história universal nada mais é do que a produção do homem pelo trabalho humano*” (1978, p. 15).

No caso da história dessas duas professoras em análise, embora cada uma delas tenha passado por situações diferentes e até opostas, os processos sociais de determinação parecem muito semelhantes, de modo que o social se revela no individual sem que neste aquele se dilua, ou seja, a relação entre o social e o individual não aparece como uma relação isomórfica, mas dialética e historicamente determinada.

Nas entrevistas realizadas com ambas as professoras, evidencia-se a idéia que elas se produzem como professoras, sobretudo, nas relações gestadas pela atividade do magistério. Acerca dessa questão, Aguiar e Ozella podem nos dar uma grande contribuição ao seu entendimento ao destacarem que o homem, “ao produzir sua forma humana de existência, revela - em todas as suas expressões - a historicidade social, a ideologia, as relações sociais, o modo de produção”. Ao mesmo tempo, porém, ressaltam que “esse mesmo homem expressa, a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos” (2006, 225).

Das entrevistas realizadas com Ana, ressalta-se a idéia de que foram as necessidades mais imediatas, vividas diretamente por ela no meio social de uma família pobre, que determinaram a sua escolha. E essa opção parece não ter lhe rendido crises posteriores, ao longo de sua vida profissional, pois, mesmo depois de mais de duas décadas de trabalho, enfrentando dificuldades da profissão, afirma, com voz tonificada pela segurança do que pensa e sente, que adora ser professora. E complementa: “Apesar das dificuldades, e todos os obstáculos que a gente tem enfrentado, eu ainda amo o magistério”. Essa é uma posição que podemos reforçar ainda pela seguinte expressão: “em nenhum momento passou pela minha cabeça deixar o magistério”.

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Mas o que determinava a satisfação de Ana no exercício do magistério? Ela não poderia ter desenvolvido um sentimento inverso, como o de insatisfação? É claro que sim! No entanto, as condições materiais gestadas nesse processo de trabalho parecem ter-lhe, em alguns momentos, impulsionado muito mais para o campo da satisfação. Em alguns outros momentos, a insatisfação também lhe é um processo constitutivo. Essa é uma questão que deve ser aprofundada por meio da análise de seus afetos, suas emoções, seus sentimentos acerca de suas ações, pois, como aponta Vigotski, “a compreensão efetiva e plena do pensamento alheio só se torna possível quando descobrimos a sua eficaz causa profunda afetivo-volitiva” (2001, p. 479-480).

Quanto a Bibi, ela diz que, ao sair da infância, o interesse pelo magistério acabou, de modo que passou pela adolescência e entrou na idade adulta sem pensar que um dia seria professora. É, porém, um fato do cotidiano que vai impulsioná-la no caminho do magistério. “Casei nova demais e o resultado foi morar na casa dos outros. Fiquei tão desesperada que fui falar com o prefeito da cidade. O meu desespero foi o que me fez ir falar com ele atrás de emprego”.

Foi, portanto, a condição sócio-econômica que a moveu em relação a busca de um emprego. Condição essa que não lhe dava o direito de escolha. Por isso, poderia ser qualquer emprego. Ela diz: “Eu não fui pedir para ser professora. Eu disse pra ele que eu queria ser auxiliar de serviços gerais”. Para compreender a frase “eu queria ser auxiliar de serviços gerais”, faz-se necessário, porém, apreender os sentidos que lhe constituem. Assim sendo, o que ela pretendia não era ser auxiliar de serviços gerais ou professora, mas, conforme dissemos acima, ter um emprego para satisfazer suas necessidades mais imediatas, suas necessidades vitais. Dizer que pretendia ser auxiliar de serviços gerais foi uma forma, talvez não consciente, de expressar que poderia enfrentar “qualquer” tipo de trabalho para garantir sua sobrevivência.

O que lhe determinava nesse processo eram, sobretudo, suas necessidades mais imediatas. Não havia, como no caso de Ana, uma idéia de ser professora construída a partir da família. As necessidades de Bibi pareciam estar mais diretamente relacionadas a empregabilidade. Para nos ajudar a compreender essa questão, Duarte diz

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

que “o homem, assim como qualquer animal, precisa realizar uma atividade que, em primeiro lugar, lhe garanta a sobrevivência” (1993, p. 30).

No entanto, ainda segundo Duarte, é preciso considerar que o homem, diferentemente dos outros animais, é um animal histórico. Dessa forma, destaca que, “para assegurar sua sobrevivência, o homem realiza o primeiro ato histórico, o ato histórico fundamental, isto é, ele ‘produz os meios que permitam a satisfação dessas necessidades’” (idem).

Ao atender Bibi no seu pedido de emprego, o prefeito a empossou como servidora da secretaria de educação para exercício em secretaria escolar e a aconselhou a voltar aos estudos. Obediente ao conselho do prefeito, ela foi fazer o magistério. E é nesse curso, vivenciando a complexidade do processo formativo do professor “primário”, principalmente no estágio, que estão os processos determinantes de sua escolha, ou melhor, da vontade de ser professora.

No curso de magistério, Bibi vivenciou processos particulares que lhe implicaram de forma afetiva e volitiva profundamente, dando-lhe impulso para caminhar rumo a carreira docente. E como no caso de Ana, essa é também uma questão afetivo-volitiva.

Leite e Tassoni (2002, p. 227) ressaltam que, “embora os fenômenos afetivos sejam de natureza subjetiva, isso não os torna independentes da ação do meio sociocultural, pois é possível afirmar que estão diretamente relacionados com a qualidade das interações entre os sujeitos, enquanto experiências vivenciadas”.

Acerca da vivência de Bibi no curso magistério, ela destaca que, no estágio, “ficava observando cada aluno, como a professora fazia, como a professora lecionava”. E continua: “como quem fica observando vê muita coisa, eu ficava prestando atenção tanto na professora como nos alunos”. Esse é, portanto, um processo de mediação gestado num espaço de formação docente.

Na seqüência de sua fala, ela é conclusiva quando diz: “daí foi que eu fui me interessando, e eu achava que se eu fosse professora, eu ia ajudar muito os alunos,

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

principalmente aqueles casos que eu estava vendo na sala de aula”. Ela explicita alguns dos casos: “existia alunos que não traziam o “para casa” e a professora não revisava. [...] A revisão do “para casa” é importante porque quem faltou tem a oportunidade de assistir o que perdeu no dia anterior. E há muitos outros casos, como a professora arrojando o braço dos alunos, sala barulhenta porque os alunos não queriam obedecer a professora. [...] Os alunos não paravam um minuto. Ela não lia uma historinha para acalmar!. [...] Foi devido a tudo isso que fui vendo que eu podia contribuir com alguma coisa sendo professora”.

O quadro impulsionador da vontade de ser professora poderia ter-lhe implicado de forma contrária, ou seja, ter-lhe impulsionado a não querer ser professora, e sim continuar como servidora técnica de apoio ao serviço de secretaria escolar. Contudo, sua fala revela que foi o “caos”, a dificuldade vivida pela professora, e até pelos alunos, na sala de aula onde ela estagiava, o que mais lhe chamou atenção para o fato de que poderia contribuir com aquela realidade. Daí, ela diz que “é importante que o professor tenha as suas saídas para saber lidar com essas situações. E uma dessas saídas é trazer sempre, todos os dias, historinhas pra eles escutarem. É uma forma de deixá-los calados? Não. É uma forma de a gente ensinar pra eles qual é o título da história, quem são os personagens, o lugar onde acontece a história”.

Após a conquista de um emprego e o retorno aos estudos, o passo seguinte foi o convite para ser professora, feito pela diretora da escola. “Depois que veio o estágio, foi que a diretora me convidou, disse: - Você agora está estagiando para ser professora. O que você me diz? Vai continuar na secretaria? [...] Aí respondi: - É um prazer você me aceitar aqui como professora”.

Nesse momento, a sua “opção” pelo novo emprego não é mais determinada por uma necessidade imediata, ou seja, de garantia da sobrevivência, como parece ter ocorrido no primeiro momento, mesma que ela não deixe de também ser sócio-historicamente mediada por suas condições de existência. A diferença é que, agora, ela é mais uma necessidade vinculada a um processo de vivência, de uma formação, de uma identificação. Ela parece ser o resultado de uma revolução do sujeito na relação com a

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

realidade. Por isso, a opção pelo magistério parece ser mais que uma atividade vital. Ela é uma atividade vital humana, como fala Duarte (1993), porque representa um processo histórico de transformação do sujeito na atividade social.

Aceito o convite para ser professora, Bibi passou a lidar mais diretamente com a realidade de uma sala de aula, e não mais na condição de estagiária. Mas a sua prática, segundo relata, já trazia algumas inovações para a época. “Naquela época ainda não se dava aula em círculo, mas eu já dava. [...] Eu fazia muita coisa bonita, da minha imaginação. [...] Pra conseguir que os alunos lessem, eu ficava imaginando: - Meu Deus, todo dia esses meninos fazem atividade com o alfabeto, com as vogais, e esses meninos não aprendem! Então, eu pensava, pensava, pegava um livro, pegava outro, olhava tudo o que era cartilha, cartilhas já pontilhadas. [...] Eu conseguia [alfabetizar] porque eu conversava com cada um, dava carinho, conversava com cada aluno antes de começar a aula. Naquela época, eu já usava recorte e colagem”.

O início dessa professora na docência se caracteriza, portanto, como um processo de enfrentamento e de superação, haja vista ela não ter se contentado com o que normalmente se dispunha e se fazia para alfabetizar. Ela compreendeu o processo educativo como algo sobre o qual devia intervir levando em conta as necessidades de aprendizagem dos alunos.

Para isso, ou seja, para intervir, a sua principal estratégia não estava diretamente relacionada a um método de ensino, mas ao modo pelo qual deveria se configurar a sua relação com os alunos. Por isso, ela destaca: “Logo no início o que eu queria era que eles gostassem de mim. [...] Eles deviam, primeiro, gostar de mim. Porque depois, quando eles sentissem o afeto, eles iam aprender, porque iam prestar atenção”.

As palavras dessa professora evidenciam o fato de que ela assumiu a docência não apenas como uma questão de necessidade vital, de sobrevivência, como pode dar-se a entender o seu desespero na busca de um emprego no início do casamento. A sua constituição como professora, cujo processo se dá em meio à vivência no magistério, em meio a questões relacionadas a educação, é marcada por

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

compromisso, responsabilidade e dedicação. Por isso, chega a afirmar que se sente uma profissional realizada.

Nas entrevistas com Ana, mais que orgulho à família e garantia de sua sobrevivência, revela-se também um sentimento de realização social e profissional. Vejamos o que ela diz: “O que mais me satisfaz é encontrar ex-alunos meus bem sucedidos em “n” profissões”. Esse é também um processo de mediação, só que, diferentemente de Bibi, ele é gestado no espaço de trabalho, na relação com os alunos.

Destacamos a categoria mediação porque ela nos ajuda a compreender as situações e os sujeitos em análise a partir das relações que lhes são constitutivas. Vigotski, ao ter destacado que “o fato central de nossa psicologia é o fato da ação mediada” (2004, p. 188), nos leva a ter o cuidado de que nunca devemos abandonar essa categoria nas nossas análises. Ele chama-nos fundamentalmente atenção para o fato de que os processos constitutivos do sujeito são dialéticos, portanto, históricos e sociais. No caso da professora em análise, a sua participação no contexto específico de uma sala de aula foi fundamental para que ela significasse aquele momento, aquelas ações, como algo que lhe impulsionaria a uma decisão.

Com relação aos ex-alunos bem-sucedidos, Ana revela um profundo sentimento de satisfação profissional. Mas o que pensa e sente em relação ao trabalho na sala de aula hoje? Acerca dessa questão, ela diz que “o dia a dia na sala de aula, hoje, para o professor, está ficando cada vez mais espinhoso porque os alunos, hoje, são um pouco rebeldes. Lógico que existem as exceções, mas uma boa parte, a gente sente, através do trabalho com eles, que existem aqueles que são mais trabalhosos”.

Como podemos perceber, a fala de Ana centra-se no aluno, mais especificamente nos alunos trabalhosos. E esse é um discurso que revela fortemente um sentimento de insatisfação acerca da carreira profissional. É assim que ela também é mediada pelos alunos mais trabalhosos em sala de aula. Portanto, ser professora é uma condição que, a depender das situações vividas, pode gestar sentimentos contraditórios.

**IX CONGRESSO NACIONAL  
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL  
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
**6 a 8 de julho de 2009**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Ainda acerca dessa questão, diz Ana que “essa falta de compromisso deles [os alunos] é resultado de um fator primordial que é a família. A família, hoje, trabalha; trabalha até dois expedientes, mas não custa nada tirar um tempinho pra ver como foi a aula, se tem tarefa de casa, como é que foi o seu dia a dia. [...] E outra coisa: eu vou me reportar ao meu trabalho na periferia. As mães, a maioria delas, não têm aquela família estruturada, aquela família que é pai, mãe e filhos. Hoje, a mãe é mãe e pai ao mesmo tempo. E isso é também um entrave, é uma dificuldade que recai sobre o aluno, sobre a criança, sobre a sua aprendizagem”.

Na continuidade do seu pensamento acerca do papel da família na educação dos filhos, ela diz, então, que o seu maior desafio, como professora, é “trabalhar sem ter apoio da família [dos alunos]. É a família não chegar perto dos filhos, não acompanhá-los na escola. E por conta de não ter esse acompanhamento, você pode perceber que os alunos que mais dão trabalho são exatamente aqueles em que os pais são ausentes”.

O discurso de Ana é revelador de que a família é o núcleo dessa questão; mas, por conta de parecer uma profissional responsável, a sua fala é reveladora mais de um grito de socorro para poder enfrentar as dificuldades vividas, como professora, na diversidade da sala de aula do que de denúncia da ausência da família na educação e acompanhamento dos filhos na escola.

Jamais podemos ignorar, pois, o fato de que a sala de aula é um espaço objetivo e subjetivo que pode parecer homogêneo. Mas ele é, também, cheio de diversidades. Pode parecer homogêneo do ponto de vista cultural, social e econômico, porque os sujeitos tendem a apresentar praticamente essas mesmas condições. Mas é também mediado pela diversidade porque cada sujeito tem a sua individualidade, que é histórica e socialmente determinada. A sala de aula é, por isso, um lugar onde se incluem e excluem, ao mesmo tempo, os mais diversos valores que constituem a forma de pensar, sentir e agir de cada aluno.

Com relação a Bibi, ao mesmo tempo em que ela se diz realizada, hoje, no magistério como professora, ela é mediada também pelo sentimento de indignação; um sentimento que, acreditamos, constitui muitos profissionais da educação. “Hoje, eu me

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

sinto realizada pelo trabalho que fiz no início e agora. Mas também me sinto um pouco triste porque não somos reconhecidos pelo trabalho que fazemos, pelo que somos”.

Ao falar da (des)valorização da carreira de professor, Bibi muda a pessoa do pronome na conjugação do verbo. Vejamos que ela diz “**eu** me sinto realizada”. Mas diz também: “não **somos** reconhecidos pelo trabalho que **fazemos**, pelo que **somos**”. Ela parece ter consciência da importância não apenas do seu papel como educadora, mas da importância do coletivo dos educadores. Por isso, ela parece assumir essa função com responsabilidade, ao mesmo tempo em que também parece ter consciência da falta de implementação e execução de políticas públicas que possam valorizar a carreira docente mais dignamente.

Para finalizar, convém ressaltar que o processo de constituição docente, mesmo daqueles professores que dizem ter manifestado interesse pela profissão desde muito cedo na vida, parece ter começado a ocorrer mais efetivamente somente a partir da sua atividade na escola, de modo que, vivenciando as contradições da profissão, passaram a se constituir como indivíduos-professores. Assim sendo, muitas das histórias vividas e contadas, desde as diversas formas pelas quais ingressaram na docência, até a prática, hoje, podem ser essencialmente marcadas por dedicação e responsabilidade, por parte dos professores. Ao mesmo tempo, porém, por conta da desvalorização da carreira, muitas dessas histórias também ressaltam tristeza, indignação e até sentimentos confusos.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aguiar, W. M. J. e Ozella, S. (2006). Núcleos de Significação Como Instrumento Para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 26 (2), 222-245.

Duarte, N. (1993). *A Individualidade Para-Si*: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas, SP: Autores Associados.

**IX CONGRESSO NACIONAL  
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL  
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
**6 a 8 de julho de 2009**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



**ISSN 1981-2566**

Leite, S. A. S. e Tassoni, E. C. M. (2002). A Afetividade em Sala de Aula: as condições de ensino e a mediação do professor. Em: Azzi, R. e Sadalla, A. M. (Orgs.) *Psicologia e Formação Docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Marx, K. (1978). *Manuscritos Econômico-Filosóficos e Outros Textos Escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores).

Prefeitura Municipal de Mossoró. *Site*. Disponível em: '<http://www.mossoro.rn.gov.br>'. Acesso em: 12 fev. 2009.

Vigotski, L. S. (2001). *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (2004). *Teoria e Método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.